

## SÉRIE TRAJETÓRIAS

Palestrante: acadêmico Aloysio Alencar Pinto

Local: Praia do Flamengo, 172 / 12º

Data: 08 de julho de 1999

Hora: 18h:30min

Quero agradecer as palavras de Edino Krieger, meu colega de muitos anos; fomos companheiros de trabalho nos Serviços de Rádio-difusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura, hoje em dia Rádio MEC. Colega que eu muito prezo e admiro, de uma certa maneira por nossas afinidades modestas, se assim posso dizer. É a primeira vez que eu recebo na vida o convite para falar sobre a minha pessoa porque eu falo muito sobre os outros. Evidentemente que a trajetória de um octogenário não poderia ser feita em uma hora e pouco, mas eu vou ser o mais breve possível para agradecer a presença honrosa de tantas pessoas que vieram aqui para me ouvir.

Eu dividi a palestra, não trouxe nada escrito porque quero que esse momento seja o mais informal possível, desejo estar numa sala de visitas com amigos, amigas, pessoas que admiram a música, que curtem a música para ser mais atual. Zito Batista Filho, que também foi nosso colega, me disse certa vez que eu tive uma infância e uma adolescência cearense, uma adolescência e um princípio de maturidade no Rio de Janeiro e uma maturidade em Paris. Dito isto, nós já temos três fases distintas da minha vida.

Outro dia, me dei conta de que estou com mais anos de Rio de Janeiro do que de Ceará, mas como sou Alencar, Alencar é Ceará. Durante a minha vida fui muitas e muitas vezes ao Ceará. A minha cabeça de ponte no Nordeste, quando ia excursionar pelo Amazonas, era em Fortaleza; Fortaleza era uma espécie de sede da família.

Meu pai foi um homem, um pioneiro em vários aspectos da sua vida de comerciante, empresário, negociante. Não há um único livro que fale sobre Fortaleza onde não haja alguns parágrafos e até capítulos escritos sobre Júlio Pinto. Minha mãe chamava-se Júlia de Alencar Pinto, é um Júlio e uma Júlia. Minha mãe teve nove filhos homens, ela deveria ter uma matriz de homem, porque sempre procurou uma filha, mas não vinha. Meu pai faleceu cedo, em 1916, eu era criança e ela teve a seu cargo a educação de sete homens. Esses vieram através do tempo, por sua vez, deixando a família chorosa.

Minha mãe estudou música, gostava muito de música, foi aluna de dona Elvira Pinho, uma mulher cultuada em Fortaleza porque foi uma célebre abolicionista, militante de ir a reuniões às escondidas. Eu cheguei a conhecer dona Elvira Pinho. Ela mandava ensinar música a todos os filhos, por isso, minha mãe e meu irmão mais velho tocavam piano regularmente. Quando meus três primeiros irmãos estiveram no S. Vicente de Paula, em Petrópolis, continuaram o estudo de música. Eu tinha outro irmão que tocava flauta e naturalmente muitos batucavam o piano. Meu irmão Danilo tocava banjo. Era uma curiosidade na época, ele mandou buscar o banjo nos EUA; hoje em dia só nos conjuntos de choro do interior do Pará a gente consegue ouvir um banjo. O mais moço, Raymundo, que foi o último falecido, estudou música também.

Eu vou dizer algumas palavras sobre os meus professores do Ceará porque eu considero muito importante quando a gente pode dispor de bons professores. Eu comecei a estudar com uma tia, casada com um irmão de minha mãe, Hortência Jaguaribe de Alencar. Ela era de Juiz de Fora e era nossa parenta. Ela estudou com um alemão chamado Gustav Reich, quer dizer, quase que era a prova de que o homem era alemão mesmo. Gustav Reich ensinou a minha tia e ensinou a irmã dela, que é a mãe de Pedro Nava, Pedro, meu parente e escritor, veio para o Rio. Naturalmente, a conexão seria ele ter sido o primeiro professor de Guilherme Halfeld Fontainha, então havia uma mistura de famílias, era o ramo Alencar Jaguaribe de Minas Gerais. Eu fui muito amigo do Fontainha, me dei muito com ele por causa justamente dessa afinidade de pessoas conhecidas e parentes.

Naquela época, a musicalização das crianças era feita através do método Schmoll. Eu não escapei do Schmoll, graças a Deus, porque no Schmoll você pode encontrar *Rose*, que é uma valsa, a *Matilde*, que é uma polca e várias coisas populares que ele usava. Professor que tinha cátedra na Bélgica! Eu fiz os cinco volumes do Schmoll, mas antes eu preciso dizer que a minha vocação para a música surgiu porque minha mãe fez todos os meus irmãos estudarem um instrumento qualquer, mas a mim ela não precisou me mandar para uma professora porque eu comecei a tocar com um dedo e isso porque eu tinha a oportunidade de ouvir a pianista do cinema de meu pai. Meu pai teve um cinema, talvez o primeiro instalado para ser cinema no Ceará. Ele já era um exibidor cinematográfico porque as primeiras sessões de cinema ambulante foram feitas num café quiosque que ele arrendava no Passeio Público de Fortaleza. Então lá, Pascoal Segreto mostrou filmes e deixou um fonógrafo. No final do século passado e começo desse século, meu pai importou o primeiro automóvel do Ceará, razão pela qual ele é muito citado. E não importou apenas o primeiro automóvel, ele comprou dois carros esportes na Itália e trouxe para o Ceará, os “piccolos” que eram duas baratinhas, como se chamavam na época. Os “piccolos” tinham umas cores lindas, um verde e um vinho. O povo do Ceará, que põe apelido em tudo quanto aparece, começou a chamar o casal de Mariquinha e Manezinho, eles eram os dois “piccolos” esportes que foram vendidos em Fortaleza. Ele importou o primeiro caminhão que era francês. Foi empresário teatral, era um homem de mil negócios. Ele fazia negócio com qualquer coisa, e industrial, ganhou na exposição de 1908, uma medalha de ouro. Esta exposição da indústria foi onde hoje se encontra o pavilhão do Centro de Letras e Artes da UNIRIO e possui uma inscrição alusiva à efememéride. Eu não fui a única medalha de ouro da família.

Bem, dito isto vou falar da minha outra professora do Ceará, dona Ester Salgado da Fonseca. Ela foi para a Europa muito cedo, foi educada na Suíça e aluna direta de Blanche Selva, a famosa pianista francesa que nasceu em 1884 e faleceu em 1943. Eu poderia ter conhecido Blanche Selva em Paris se quisesse, se tivesse na época tido a curiosidade, mas estudei indiretamente com Blanche Selva, o que me foi de grande valor, uma guia extraordinária no que disser respeito ao piano. Na parte teórica, eu tive a minha primeira professora aqui no Rio, Celeste Jaguaribe de Matos Faria, casada com o diretor do Museu Imperial lá da Quinta da Boa Vista.

O maestro Luigi Maria Smido, compositor, era um daqueles músicos que na época da capitalização da Amazônia aportou no extremo norte trazendo companhia de ópera para apresentar-se no belo Teatro da Paz, no Teatro do Amazonas e foi um desses que ficou aqui no Brasil, não voltou mais para a Europa. Ele morou durante alguns anos aqui no Rio, em Nova Iguaçu e foi amigo pessoal de

Alberto Nepomuceno. Com ele estudei harmonia e composição. Ele teve uma vida bastante ilustre lá para o Nordeste porque inaugurou em 1904 o Teatro Carlos Gomes, em Natal, feito pelo governador Alberto Maranhão, e em junho de 1910 inaugurou o Teatro José de Alencar. Então, o governo do Ceará deu-lhe a incumbência de ser o professor e mestre da banda da Polícia do Ceará, que dava concertos com uniforme de gala e tocando repertório original para banda dos grandes compositores que a gente não ouve nunca. O maestro voltaria em 1926 para fundar uma escola de música no Ceará, e o Conservatório Carlos Gomes, no Pará. Quem queira se aprofundar nisso, eu recomendo a obra do professor Vicente Salles que escreveu sobre os músicos do Pará. Muitos daqueles músicos do Pará vieram a Fortaleza. O Ceará se dá ao luxo e nós temos um representante aqui, Dr. José Bonifácio, de ter uma academia de cearenses no Rio de Janeiro, Academia de Ciências, Letras e Artes de Cearenses que se notabilizaram no Rio de Janeiro. Isso mostra o fluxo constante. Segundo o escritor João Ribeiro escrevendo sobre Adolfo Caminha, ele diz: “cumprido o seu destino, foi para o Rio de Janeiro!”

Essa é a parte da infância. Saí do Ceará, vim a primeira vez ao Rio em 1921, passei quatro anos aqui, tinha feito meu pré-primário com uma senhora, uma educadora da Suíça francesa, Madame Gondier, senhora de 2 metros de altura, pé 44, mulher tamanho família, enorme, e a nossa obrigação musical era cantar alguns cantos populares franceses e a *Marselhesa*, no dia 14 de julho. Saíamos em coluna 2 a 2, descíamos a Rua da Praia, a Rua de Baixo e íamos à casa do Cônsul da França e cantávamos a Marselhesa para ele. Eu não sabia a tradução daquilo, não sabia nada, mas fazia parte do coro, tomávamos sorvete daquelas frutas do Ceará, sorvete de cajá, de abacaxi, de tudo quanto existe. Dizem que os cearenses fazem sorvete de tudo quanto tem no Ceará. Então esse foi o meu pré-primário no Ceará.

Quando eu cheguei aqui, viajei em companhia de um tio que era Senador, José Pinto Pompeu Acciolly. Vim para que escutassem o prodígio do Ceará, um menino que tinha tocado pela primeira vez com cinco anos de idade, seis anos de idade no Liceu do Ceará, dia 19 de outubro, em presença do governador. Eu já estava dormindo, não ia mais tocar piano, quer dizer, criança de seis anos não fica esperando os oradores, mesmo um deles sendo o governador do estado Dr. João Tomé.

E eu vim para o Rio de Janeiro, aqui estudei com Celeste Jaguaribe, catedrática da Escola de Música, estudei com João Rodrigues Nunes, um compositor catedrático da Escola de Música que esteve na Europa no começo do século e foi a primeira pessoa a tocar Debussy no Brasil. Os programas deles são muito curiosos porque ele diz: “existe um compositor na França que mora em Paris,” dá até o endereço do Debussy, que eu conheci, e achei muito interessante. Ele foi a primeira pessoa a tocar Debussy e a obra dele foi influenciada pela temática dos tons inteiros debussiniana. O Luiz Heitor incluiu o João Nunes como talvez uma das primeiras e únicas pessoas a trabalhar a música de Debussy na América do Sul. Em um folheto que o Luiz Heitor publicou em Paris para comemorar uma data magna na vida de Debussy; isto está lá.

João Nunes era casado com dona Lília Nunes, professora de declamação lírica, professora da UNI-RIO. Foi uma grande cantora, acompanhada por Lorenzo Fernández, acompanhada muitas vezes pelos próprios compositores, foi assistente de Vera Janacopolos, e é irmã de Oscar Niemeyer, de Paulo Niemeyer, o grande neurocirurgião. Eu era aluno do João Nunes e de dona Lília também. A aula era na Rua da Carioca, na Casa Carlos Wehrs, nº 47, famosa no Rio. Não era a primeira sede,

ela já vinha da Rua do Hospício. Nessas coisas de história, eu me aprofundava muito, sempre gostei disso. Era lá também onde Barrozo Neto tinha suas salas de aulas.

Passei quatro anos no Rio. Nessa época, eu conheci uma série de personalidades importantes da música porque, como menino, eu fui me exibir. Henrique Oswald, eu me dou com a família toda, os Burle-Marx, que conheço desde essa época, fui amigo do Valter Burle-Marx, do Roberto: ia com frequência em Pedra de Guaratiba, lá no sítio dele, que hoje em dia está tombado, pertence ao Patrimônio Histórico. Lá conheci Oscar Guanabara, toquei para o Guanabara, na sede do “Jornal do Comércio.” No último andar ele tinha uma sala. Hoje só se ouve falar no auditório da ABI que se chama Oscar Guanabara. Ele era um homem muito curioso, cada vez que ele escrevia o nome de Lorenzo Fernández ele botava entre parêntesis e em itálico, botava caracoles, ele botava os apelidos que tinham que pegar porque diariamente quando ele ia escrever aquilo estava estampado no jornal.

Há pouco tempo se homenageou Bidu Sayão. Madame Teodorini, que era uma professora de canto ilustre e uma grande artista de ópera, nascida na Romênia, foi quem levou a Bidu Sayão para cantar na corte da Romênia.

Toquei para Jerônimo Queiroz que ficou horrorizado ao me ouvir tocar, “está tudo errado”, ele falou. E a minha prima Celeste Jaguaribe, que era uma mulher muito inteligente, poetisa, percebeu que eu estava tocando de ouvido uma valsa de Chopin em outro tom. Ele ficou à morte, perfeita no outro tom, ele achou que aquilo era uma coisa tremenda! Aconteceram coisas engraçadas e boas, no Rio, a melhor delas foi a Exposição do Centenário, vi de perto, examinei os pavilhões. Eu me vangloriava porque desde 1865 uma companhia inglesa de navegação já tinha como fim de linha no Brasil a cidade de Fortaleza, de modo que todo sujeito que ia à Europa dispunha de oito camarotes, as pessoas faziam refeição com a tripulação e outras mordomias. Famílias do Ceará foram educadas na Inglaterra, a cidade dos Beatles, Liverpool, ficou conhecida por isso, mas para mim é o fim de linha dos navios que ainda hoje transportam matéria-prima do Ceará para a Europa.

Encerro esse período para passar para o Rio de Janeiro. Muito mais tarde, porque fiz o meu curso primário no Colégio Santo Inácio, Botafogo, onde eu ainda hoje moro. Embarquei em 1924 para Fortaleza. Minha mãe gostava dos colégios religiosos, de modo que eu fui para o Colégio Cearense dos Irmãos Maristas. Aliás, recentemente o fundador da Ordem foi canonizado santo, o Padre Champagnat. Fiz o meu curso de Direito, sou bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pertencço à Ordem dos Advogados aqui do Rio de Janeiro.

Richard Strauss regeu aqui em 1922, quer dizer celebridades não tinham esse negócio de menino não poder entrar no programa e minha prima me levava a esses eventos todos. Vozes líricas, se eu aguentasse, estava presente.

Bem, fui para o Ceará, fiz uns cursos lá e voltei em 1933 que é uma espécie de data que marca o início de minha permanência no Rio de Janeiro. Viajei muito, fui várias vezes à Europa, mas em 1933 eu fiz exame e entre os candidatos que se apresentaram, eram uns quatorze ou quinze mais ou menos, eu mereci um primeiro lugar que me dava direito a escolher o professor com quem eu deveria estudar. Essa láurea para mim era muito importante porque eu queria estudar com Barrozo

Netto que foi um grande professor, era o maior professor do Rio antes que chegasse aqui Tomas Terán. Arnaldo Estrella foi aluno do Barrozo Netto, quer dizer há uma quantidade de pessoas que o Barrozo Netto formou. Foi professor até do Guilherme Fontainha antes de ir para a Europa. Todos eles, Barrozo Netto, João Nunes, dona Alcina Navarro foram alunos de Alfredo Bevilacqua, que estudou em Roma com Mongiolini. No Instituto, era fácil a pessoa dizer: esse aluno deve ser aluno do Barrozo Netto, está tocando de uma maneira que só pode ser aluno dele. Ele marcou realmente uma escola no Rio de Janeiro, compositor, improvisador, escreveu belas canções de câmara, *Canção da Felicidade*, *Cantiga*, todo esse repertório da Bidu Sayão e das grandes cantoras brasileiras era Barrozo Netto gravado. Publicou obras em colaboração com Phillip, professor do Conservatório de Paris. Era muito amigo dele, foi professor de Maria Antônia de Castro, que tem um belíssimo retrato no *foyer* da Escola de Música, aquele retrato que tem lá é uma pintura linda feita em Paris da Maria Antônia, menina-prodígio.

Estudei com Barrozo Netto, terminei o curso, então decidi por um curso de aperfeiçoamento na Europa. Barrozo Netto queria que eu estudasse com Isidor Phillip. Saí da Escola com as notas distintas, fiz o concurso da Medalha de Ouro, ganhando a famosa medalha referida aqui pelo Edino, onde eu toquei uma composição minha como peça de escolha, uma valsa *Capricho*. Saí daqui para a Europa com a caravana de estudantes brasileiros, era a primeira que saía do Rio para ir para Lisboa. Já tinham vindo mais de vinte grupos de estudantes de Portugal que viajavam ao Brasil para conhecer o Rio, conhecer as casas portuguesas, aquelas coisas todas lá da Rua Luís de Camões, lá da cidade nova. E eu fui a Portugal, eu fui escolhido, porque era um aluno de cada estabelecimento de ensino da primitiva Universidade do Rio de Janeiro cujo Reitor era o grande obstetra Dr. Fernando de Magalhães, membro da Academia de Letras, um homem importante. Ainda tenho o meu visa lá, com retratinho 3x4, dizendo que eu pertença ao grupo. E fui a Lisboa onde fiz um trabalho importante. Porque o Barrozo Netto era o orientador musical da Casa Carlos Wehrs e da Casa Arthur Napoleão, as duas principais editoras de músicas do Rio de Janeiro e eu tive a ideia, a feliz ideia de levar uma mala de músicas brasileiras, de autores brasileiros para o Conservatório de Lisboa. Era diretor do Conservatório o professor José Vianna da Motta, discípulo direto de Liszt. Um homem ilustre, foi músico da Corte na Alemanha e eu tive a oportunidade de me apresentar para ele num recital de música brasileira, na Universidade de Coimbra.

Conheci, ainda estudante, Fernando Lopes Graça que chegou a ser o mais importante musicólogo de Lisboa. Ele esteve aqui no Rio, gravou na rádio na minha presença, trouxe um cantor que cantava a obra de câmara dele. Fomos a Portugal e ao norte da Espanha. Getúlio Vargas tirou os prêmios de viagem tanto da Escola, como da Academia de Belas Artes por medida de economia para anos depois reintegrar o prêmio aos artistas plásticos e não deu aos músicos, isso a Academia deve, um dia, fazer uns considerandos importantes para que seja dado o prêmio de viagem aos músicos.

Eu fui à Europa, mas fui por conta de minha família. A revista da semana noticiou que eu tinha uma pensão do Estado, em uma página feita pelo maestro José Siqueira. Depois, ele foi obrigado a acertar a coisa e dizer que eu não estava em gozo de prêmio doado pelo governo estadual, federal nem municipal. Eu estava na Europa por conta da minha família.

Vou fazer um parênteses para essa temporada, que vai de 1933 a 1937, período em que eu conheci muita gente, conheci o Rio de Janeiro todo, eu ia a tudo, vi o que prestava e o que não prestava

para poder documentar as duas coisas, as rádios, os músicos populares, pessoal do choro, pessoal da Rádio Mayrink Veiga, pessoal da Rádio Clube do Brasil, era muito amigo do Bororó, Alberto Simões da Silva, que se dizia parente da Marquesa de Santos. Eu escrevi *Da cor do pecado*, fui eu que escrevi a primeira versão que eu ainda tenho em casa, foi escrita por mim, Bororó cantando num quarto em que eu morava na Rua do Catete. Não era quarto, tinha que ser sala porque eu tinha um piano de cauda dentro do quarto. Os músicos todos que vieram nesse período ao Rio de Janeiro iam lá em casa. Ali surgiu a homenagem a Guiomar Novaes, com presença de Cláudio Arrau, pianistas russos que ficavam aqui por causa da guerra, uma época muito ruidosa.

Está vivo ainda, agora está em Petrópolis, o filho do dono do Teatro Lírico; é uma enciclopédia o homem, porque tudo que aconteceu de sério no Brasil se deu no Teatro Lírico. O senhor João Henrique Chaves Lopes, de família do Ceará, tem mais um, tem mais essa canja aí, o pai dele César Lopes era dono do Teatro Lírico, casado com uma senhora que era filha do dono e naturalmente a política dos genros entrou em exercício. Há um livro que está para sair, e está com uma certa dificuldade de apoio para a publicação, que conta a história do Teatro Lírico, tudo documentado.

Os pianistas todos, Arthur Napoleão eu conheci sentado numa roda na Casa Arthur Napoleão onde se discutia política, música, beleza das mulheres que passavam fazendo *footing* se dirigindo à Colombo, as confeitarias da Rua do Ouvidor, aquela coisa toda, um Rio em uma época diferente. Lá estavam Arthur Napoleão, o juiz Eduardo Studart, o general Arthur Borges, que a Mercedes Moura Reis Pequeno conheceu, general do exército e violinista. Conheci esse pessoal todo. Perdi o almoço ao Manuel de Falla, por uma falha do Siqueira. Passando para a Argentina, não desceu aqui no Rio, mas o Siqueira almoçou a bordo do navio com ele. Escolheu a Argentina para morar. Logo depois fui ao Ceará para dar um concerto, depois de ganhar a Medalha de Ouro, e durante essa temporada em Fortaleza eles haviam fundado a Sociedade de Cultura Artística do Norte, a SCAN, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Fortaleza já poderiam contratar um pianista de grande porte, um mestre do teclado para ir aos Estados do Nordeste. Então, foi o Arthur Napoleão tocar sonatas de Beethoven no Clube Iracema. Hoje está tudo demolido em Fortaleza, que não conserva as coisas antigas, é uma pena, uma lástima. Eu toquei na época, o teatro estava em obras, uma reforma só de pintura porque a grande reforma do Teatro José de Alencar, que a FUNARTE publicou em livro, dizendo que era do século passado e é um negócio de 1910, quer dizer ninguém compreende isso, a estrutura metálica veio da Escócia, é um teatro curioso porque é um pavilhão que fica quase que ao ar-livre, todo aberto e tem boa acústica.

Tinha tocado em Fortaleza um pianista russo Nikolai Orloff. Eu dava um concerto e ele, alguns dias depois, tocava no Majestic, primeiro cinema de Luiz Severiano Ribeiro, o rei dos exibidores brasileiros. Agora quis o destino que ao me juntar com Orloff em Fortaleza, quando fiz o curso aqui já tocava uns *Estudos*, de Chopin, mas não queria me aventurar, ele ficou bobo de encontrar lá no Ceará, perdido no Ceará, um sujeito que tocava os *12 Estudos*, de Chopin! Daí nasceu a amizade, um interesse muito grande e eu tinha que ir para a Europa, esse homem eu achei que era o sujeito que deveria me aconselhar sobre o que eu deveria fazer. Então, ele me disse que a partir de 1922, foi logo depois da 1ª Guerra, o governo francês havia juntado um grupo de craques, uma seleção da música francesa para os americanos, que vinham estudar música, artes plásticas, escultura, acho que até tinha uma seção de arquitetura, pelo menos, para apreciação de obras

mestras que há na França. Ele me disse que eu deveria ir para lá e que o chefe do departamento de piano era o professor Robert Casadesus. Então, eu embarquei, fui com meu irmão Fernando, que era um comerciante e já conhecia a Europa. A bordo do navio tinha que botar gravatinha preta para jantar toda noite, era um negócio, bem à *belle époque*. Desembarquei em Bordeaux no dia 11 de novembro, que na França é uma espécie de dia de Finados, é o dia do Armistício da 1ª Guerra, tudo fechado e tomei o expresso para Paris. Desembarquei em um lugar que hoje é o Museu dos impressionistas, aquilo é um hangar.

Entre no Conservatório, estudei primeiro particular com o Casadesus. Morava na Cidade Universitária, no Pavilhão da Argentina, e também em Paris não perdi um minuto sequer, tinha uma energia enorme, estudava 8 horas por dia, assistia uma conferência ou duas, ia a dois ou três concertos, quer dizer, vi muita coisa e conheci muita gente. No Conservatório eu ganhei um prêmio que é dado aos alunos que ultrapassam um certo nível. Agora uma coisa que eu achei muito curiosa foi que eu tive que fazer um exame de suficiência para o diretor do Conservatório, Monsieur Camille Decreus, que era um francês que se vestia à maneira inglesa, fumava cachimbo e usava paletós bonitos de xadrez, era um homem creio que octogenário, era o diretor do Conservatório, vinha funcionando, portanto, desde 1920 quando foi fundado. Eu era o primeiro latino-americano a fazer o curso lá. Ele exigiu uma prova, fui a casa dele, com hora marcada, e toquei Johann Sebastian Bach, Chopin, Ravel, toquei o que eu podia tocar. Recebi uma cartinha dizendo que eu podia fazer a minha matrícula, mas eu já tinha o curso da Escola de Música, já tinha a medalha de ouro e outros prêmios, mas tive que fazer esse exame lá. Muitos anos depois, folheando o Larousse de Música, eu procurei o nome do Decreus. Quem seria? Porque mesmo lá, em Fontainebleau, eu não sabia o histórico dele, era o diretor. O negócio funcionava no Palácio de Fontainebleau, quer dizer, eu estudei lá no Palácio preferido de Napoleão, com direito a tudo que o curso proporcionava. Estavam lá, por exemplo: Marcel, professor de flauta a quem Debussy dedicou a única peça para solo de flauta que escreveu, eu estive com esse homem, comi na mesa com ele. Convivi com o professor de violoncelo Basilair; esse veio ao Brasil algumas vezes, tocou na Cultura Artística. Isso quer dizer, como se eu estivesse falando em Pelé, Garrincha e outros ases aí do futebol. Eram os melhores, e se eu tivesse pago alguns dólares a mais eu teria tido aulas com Igor Stravinsky no curso de Nadia Boulanger, porque ele veio de Paris dar quatro aulas lá, então eu poderia dizer por aí que tinha sido aluno de Stravinsky, mas isso estava fora do meu figurino. De Stravinsky, eu adoro *Petrushka*, o *Pássaro de fogo* e algumas obras exploradas por ele como o balé *Pulcinella*, sob música de Pergolesi e obras ultra-modernas. Ele veio duas vezes ao Brasil, tive oportunidade de conversar em francês com ele. Meu filho Georges Frédéric que falava russo e que foi para adquirir um autógrafo no dia em que ele foi à Associação de Canto Coral, se dirigiu a ele em russo e ele ficou surpreso. A senhora dele disse: “Igor, ce jeune homme nous parle en russe”! Há pouco tempo uma pessoa me perguntou porque Stravinsky esteve aqui pela primeira vez pela Cultura Artística, ele não veio ao Brasil, ele foi à Argentina trazido por uma senhora chamada Vitoria dal Campo, que eu conhecera em Fortaleza e a quem acompanhara em recital. Eu também me interessei muito quando fui à Argentina para trazer para o Brasil o ensino do violão. Lá já se ensinava violão no Conservatório, sendo o violão um instrumento brasileiro por excelência. Eu trouxe tudo para que o Fontainha abrisse uma cátedra de violão, mas aqui continuava um negócio de beira-de-calçada. Choro, aqueles caras formidáveis, mas só agora, coisa recente, é que o Turibio Santos passou a ensinar na Escola de Música, então nós não tivemos um professor de violão de épocas passadas.

Ganhei um prêmio e no diploma, o meu diploma que é diferente dos outros, tem um “Mention d’Honneur”. Para mim era um galardão. Depois eu vim a saber que era um prêmio especial que eu tinha ganho. Todos aqueles americanos antigos de real valor, como Aaron Copland, tinham esse prêmio. Depois eu soube que havia as observações dos professores com quem eu estudei no Livro de Ouro, lá em Fontainebleau.

Vim para cá, cheguei aqui, encontrei uma coisa moderníssima no Ceará, uma fábrica de Coca-Cola estabelecida no Ceará. Eu estava em Paris quando foi declarada a guerra, então cortou tudo. Fizemos hora eu, Camargo Guarnieri, Altéia Alimonda, irmã do Heitor Alimonda, violinista de São Paulo, pintor Souteiro Cosme, Di Cavalcanti, Noêmia Mourão, quer dizer, veio toda aquela gente que eu conheci durante o meu tempo de Paris, mas não conheci de estar com eles numa recepção não, eles eram convidados uma vez por semana para ir almoçar na Cidade Universitária porque todos viviam na última lona como se diz no Ceará, na última lona, então iam almoçar lá, escolhiam os pratos *self-service*.

Cheguei ao Brasil, dei um concerto no Ceará que, graças a Deus, foi coroado de êxito. Tenho críticas muito boas de gente do Ceará, tem uma crítica do Dr. José Parsifal Barroso que foi ministro do Trabalho, filho de Hermínio Barroso, que estudou violoncelo na Alemanha. Saiu do Ceará para estudar engenharia, estudou violoncelo na Alemanha. Quando chegou, o pai não o recebeu, cortou a pensão dele porque não queria um músico. E se você pegar a 1ª edição completa das obras de Bach, tem dois assinantes cearenses lá: Alberto Nepomuceno e Hermínio Barroso, o resto é tudo estrangeiro, tudo alemão, a Biblioteca Nacional deve ter isso, a Escola também.

Fiz muitos concertos, concursos, exames, quer dizer, muita coisa fiz. A composição, eu devo aos primeiros ensaios que fiz no Ceará com o maestro Luigi; eu nunca tive um professor de composição, porque como intérprete eu já era um romântico e isso iria se refletir naturalmente na minha composição. Li a obra de Mário de Andrade toda, conheci Mário de Andrade em 1937 no Congresso da Língua Nacional Cantada. Hoje dei uma coleção de cartas para que o Flávio Silva mande para o Departamento que hoje em dia guarda as coisas do Mário escritas a Antonio Leal de Sá Pereira, que foi diretor da Escola, casado com uma prima minha. Continuei mantendo a vida em sociedade e foram aparecendo as oportunidades, fiz música para teatro no tempo do Teatro Jovem, toda essa gente que está brilhando na TV Globo hoje em dia, foi do Teatro Jovem. Era diretor do Teatro Jovem Kleber Santos, era fichado como comunista porque foi a um Festival de Teatro em Cuba, furou de um jeito ou de outro, chegou a Cuba, depois emigrou para o interior. Fiz música para as peças de Francisco Pereira da Silva, quatro peças de muito sucesso. Francisco Pereira da Silva era da Biblioteca Nacional e faleceu prematuramente. A composição para teatro e cinema é limitada pela minutagem. Tinha que ver o assunto, li as peças e Guilherme Figueiredo, que de uma certa maneira me internacionalizou porque tive peças apresentadas na Romênia, na Bulgária, Hungria, Alemanha Oriental, esses países todos, Guilherme fazia as peças dele e imediatamente traduzia para o espanhol porque senão morria no português, podia ir a Portugal, Angola e provavelmente mais nada. Então traduzia para o espanhol. Veio o sucesso da “Raposa e as uvas”, de “Deus dormiu lá em casa”. Do Guilherme fiz a “Maria da Ponte”, foi levada no Municipal e depois transformada em ópera para ser levada na Bulgária. A temporada de balé também foi uma coisa muito importante: os Ballets Brasileiros. Por incrível que pareça, em 1965 eu levei um balé



para o Teatro das Nações em Paris. Trabalhava na ópera um coronel da aviação francesa que contratava os balés africanos para dançarem em Paris. Eu tenho as críticas francesas que são ótimas, esses instrumentos populares aquilo tudo é minutado, a distância do camarim para o palco está minutada, não tem um buraco, não tem nada, é seguido. O filho do J.B. de Carvalho, o agogueiro daqui, tocou no chão e no agogô, ele atravessava de cócoras o palco de um lado para o outro, saía de um lado ia até o outro, choviam as palmas do pessoal. O crítico do “Fígaro” escreveu que as pessoas deviam ir ver porque esses instrumentos que a gente só vê em vitrine poderiam ser vistos, mas tocando.

Vou encerrar a palestra, é um resumo muito abreviado. Eu harmonizei muita coisa do folclore brasileiro, dezoito acalantos do folclore brasileiro, cantos de Natal. Eu trouxe uma fita, vou botar algumas coisas para vocês ouvirem. O ciclo indígena que eu harmonizei, os temas do Jean de Léry em 1558, fiz os Cantos Afro-Brasileiros, os cantos de macumba, mais de candomblé porque o meu negócio era lá na Bahia, ainda não havia Caetano Veloso, nem Gilberto Gil, nem Gal Costa, nem a moça do bum-bum, não havia nada disso, mas tinha Edson Carneiro, tinha Estácio de Lima, tinha Edson Nunes, tinha José Calazans, o jornalista estudioso dessas coisas. Eu fui a festivais de folclore lá, como está na minha folha de funcionário público nomeado no dia 1º de fevereiro de 1956.

Quando eu fui para a rádio já conhecia o Edino Krieger, trabalhamos juntos, Hamilton Reis, o Tatá, a quem Carlos Drummond entregava no dia certo, na hora certa, à pessoa certa, a crônica que ele escrevia para ser transmitida pelo rádio, Manoel Bandeira, meu amigo, (a última companheira de Manoel Bandeira era minha prima, ele deixou para ela os direitos autorais enquanto ela vivesse). Manoel Bandeira tocava piano, tocava um pouco de violão, tocava um Preludiozinho de Chopin que ele adorava! Não falei do nosso Villa, os músicos todos eu conheci, a propósito, eu vou terminar falando de Francisco Mignone quando me comunicou que eu estava eleito para a Academia Brasileira de Música, o telefone tocou, eu fui atender: “Maestro, como vai o senhor?” Ele sempre me telefonava, tínhamos conversa. Mignone ficou idoso, não tinha com quem conversar, eram outras conversas, eu me interessava muito pela música. Eu estava numa reunião, Mignone me carregava, me tirava do círculo lá dos convivas e ficava comigo: era o amigo particular dele, que ele encontrava, tomava o seu vinho e conversava. Mignone telefonou, e eu disse: como é que foi a coisa? Ele me disse: “Eu não sabia que você era tão querido no meio musical do Rio de Janeiro. Você foi eleito por unanimidade.”

Então, muito obrigado.